

SILVEIRA, Maria Cristina Santiago da. Um estudo experimental sobre a compreensão do pronome-sujeito ambíguo no diálogo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Ano 3, n. 4, 2005. [www.revelhp.cjb.net]

## **UM ESTUDO EXPERIMENTAL SOBRE A COMPREENSÃO DO PRONOME-SUJEITO AMBIGÜO NO DIALOGO**

**Maria Cristina Santiago da Silveira<sup>1</sup>**

silveira\_cristina@yahoo.com

### **Introdução**

O estabelecimento de relações anafóricas, mais especificamente, o processo de interpretação do pronome-sujeito potencialmente ambíguo em situação dialógica, é o objeto de estudo desta pesquisa, realizada como parte do curso de Mestrado em Letras, na PUC-Rio. Relação anafórica, para este estudo, será entendida, basicamente, como a relação entre um termo anafórico e um referente representado na memória ao longo do processamento do discurso. Estabeleceu-se como objetivo da pesquisa verificar que representação mental se apresenta como mais acessível para a interpretação do pronome, levando-se em consideração o modo de operação da memória no processamento do discurso. O modo como o falante seleciona determinada forma pronominal e o ouvinte a relaciona ao referente pretendido pelo falante, possibilitando um discurso coeso, e o que está subjacente à relação pronominal, a fim de restringir a compreensão do pronome, são também questões a serem observadas dentro do objetivo proposto.

O modo de compreensão do pronome-sujeito ambíguo terá como ponto de partida a noção de acessibilidade (cf. Ariel, 1994; Corrêa, 1993; Greene et al., 1992) ao referente

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

preferencial, admitindo-se um modelo de sistema de memória de processamento atuante no processamento do discurso como entendido por Corrêa (ibidem), dividido em três níveis, nos quais são ativadas em maior ou menor grau as representações dos possíveis referentes para a forma pronominal. Faz-se necessário entender como o ouvinte lida com a ambigüidade na interpretação do pronome e o quanto esta interpretação precisa ser dependente de estratégias específicas ou o quanto o próprio modo de funcionamento da memória no processamento minimizaria a ambigüidade apresentada ao ouvinte.

As questões teóricas foram motivadas por pesquisas sobre processamento de relações anafóricas, concernentes à acessibilidade ao referente representado na memória do ouvinte (Ariel, 1994; Greene et al., 1992; e especialmente a pesquisa de Corrêa, 1993, 1994 em produção oral de relações anafóricas). Deste modo, ou seja, relacionando-se resultados obtidos na produção do discurso à compreensão pretende-se verificar até que ponto as condições de processamento que favorecem o uso de uma determinada forma pronominal pelo falante também favoreceriam a identificação, pelo ouvinte, do referente pretendido pelo falante.

Foram realizados três experimentos, num total de 60 entrevistas com estudantes ou profissionais de nível universitário. Através dos experimentos procurou-se obter informações com relação à interpretação do pronome ambíguo que pudessem ser observadas a partir daquelas obtidas em pesquisas sobre a seleção da forma pronominal na produção da fala.

## **Pressupostos teóricos e considerações metodológicas**

### **1. Pressupostos teóricos**

O estudo do modo como se dá a compreensão de um termo pronominal ambíguo numa interação dialógica direciona-se a partir do pressuposto de que a compreensão de uma forma pronominal estaria sujeita a restrições de natureza processual, decorrentes da coordenação de atividades em diferentes níveis do sistema de memória de processamento compartilhado pelo falante e pelo ouvinte. O modelo de memória de processamento atuante no processamento do discurso aqui assumido (Corrêa, 1993) compreende três níveis de atividade, em grau de abstração crescente, a saber, imediato, intermediário ou episódico, e

nível temático, nos quais os referentes para as diferentes formas anafóricas estariam representados. Os diversos graus de acessibilidade desses referentes na memória seriam fator fundamental para a interpretação de um termo anafórico. Assim sendo, a noção de *acessibilidade* (Ariel, 1994; Corrêa, 1993, 1994; Greene et al., 1992) à representação de antecedentes possíveis para uma forma é central no modelo de processamento a partir do qual se originou o presente estudo.

O conceito de acessibilidade, como assumido pelos autores citados acima, parte do princípio básico de que cada termo anafórico será interpretado por alguma entidade representada no modelo mental que o falante e o ouvinte constroem à medida que o discurso é processado. As representações presentes no modelo mental teriam, em princípio, diferentes graus de acessibilidade, ou seja, umas seriam mais prontas ou facilmente recuperadas do que outras. Isso torna sua produção e compreensão sujeitas a restrições de ordem processual, uma vez que termos anafóricos seriam selecionados pelo falante e interpretados pelo ouvinte em função do grau de acessibilidade dessas representações. Considera-se que, se o referente pretendido pelo falante tem sua representação particularmente ativada, ou seja, possui um alto grau de acessibilidade na memória de processamento, o falante tenderá a selecionar uma forma pronominal ao estabelecer uma relação anafórica. Assim sendo, dada a seleção de um pronome com mais de um antecedente possível, é necessário identificar que tipo de representação (do elemento temático, do foco do segmento, do foco do período ou outra) aparece como mais acessível para o ouvinte – se a representação correspondente ao referente pretendido pelo falante (o que torna a referência pronominal não ambígua) ou outra, mantendo-se a ambiguidade.

A questão que permeia os três experimentos elaborados para este estudo é a seguinte: que representação, dentre os elementos particularmente ativados na memória de processamento, é mais acessível para o ouvinte, quando da interpretação de um pronome potencialmente ambíguo? O que estaria particularmente ativado num dado momento da produção/compreensão: o elemento temático, o foco do segmento recém-realizado, ou o elemento presente no nível mais imediato da memória? Aparentemente, e de acordo com os dados da análise de produção em narrativas (Corrêa, 1993, 1995), o falante tende a selecionar uma forma pronominal, em particular o pronome, quando da recuperação do

elemento em torno do qual um episódio ou segmento discursivo em processamento se organiza.

Assumindo-se que o ouvinte compartilha um modelo de memória semelhante ao do falante e que, idealmente, ambos estão sintonizados numa interação lingüística, parece ser necessário identificar se as condições que favorecem o uso do pronome para se referir a um dado elemento no discurso pelo falante seriam as condições mais favoráveis de acesso à representação do referente pelo ouvinte, de modo a permitir que este interprete o termo anafórico assim como o falante pretendeu.

O modo como um pronome ambíguo é interpretado, portanto, será analisado a partir de dois pressupostos: *i*) o falante organiza o discurso com três tipos de representação e seleciona um pronome na referência a uma representação particularmente ativada em sua memória de processamento ; e *ii*) o ouvinte, se estiver monitorando o processamento do discurso (considerando-se uma situação ótima de estudo, na qual é possível proporcionar aos sujeitos os três tipos de antecedentes possíveis e a ambigüidade potencial do termo anafórico), constrói para si um modelo do discurso processado no qual o referente pretendido pelo falante deve estar particularmente ativado. Com isso, embora exista uma ambigüidade potencial no uso do pronome, a ambigüidade real seria minimizada pelas condições de acessibilidade à representação do referente.

Foram elaborados três experimentos com dois personagens potencialmente adequados para a referência pronominal, a fim de que se pudesse observar qual representação dos possíveis elementos seria a mais acessível para o pronome em uma dada situação. Se o pronome é ambíguo, a situação mais favorável para o ouvinte é, em princípio, aquela em que a ambigüidade seria minimizada. Para se conhecer a natureza dessa situação, foram propostas duas condições experimentais ao ouvinte, nas quais o elemento em torno do qual o episódio em processamento se organiza é colocado em relação ao elemento temático. As condições são estabelecidas a fim de se observar em que condição, para o ouvinte, o pronome se refere ao foco do segmento discursivo recém-elaborado/processado. Para isso, foi preciso criar situações experimentais cujo controle evitasse que pistas semânticas ou pragmáticas conduzissem à interpretação do pronome como referente a um personagem em particular. Foram elaborados, portanto, além do Experimento 1, outros dois experimentos, de modo a se pesquisar a possível relativização

do elemento temático e do foco do segmento do discurso em processamento, e outros fatores determinantes da acessibilidade à representação dos referentes para o pronome.

## **2. Considerações Metodológicas**

### **2.2. O esquema do experimento**

Foi preciso bastante cuidado para se obter a união da espontaneidade de um diálogo com a artificialidade necessária ao controle das variáveis. Cogitou-se, inicialmente, observar condições de diálogo espontâneo entre dois sujeitos, para que a artificialidade experimental fosse relativamente evitada. Entretanto, pareceu óbvio que os dados poderiam distanciar-se dos objetivos a serem atingidos, pois não seriam necessariamente identificadas situações nas quais se produzisse um pronome com mais de um antecedente possível para sua interpretação. Optou-se, então, pelo diálogo entre um sujeito e o experimentador, a partir de situações controladas.

Caberia ao experimentador dar encaminhamento ao diálogo para a manutenção da espontaneidade. Foi simulada, então, uma entrevista, a partir da qual seriam analisadas as respostas dadas pelos sujeitos, tendo como pretexto, ou ponto de partida, uma história em quadrinho, que pareceu atrativa como elemento motivador.

Dada uma tira de história em quadrinho, o experimentador introduziria o assunto sobre o qual o diálogo transcorreria, e o interlocutor, por conhecer os personagens, se sentiria motivado a prosseguir o diálogo. Além disso, os personagens a serem referenciados no diálogo estariam presentes, acessíveis ao falante e ao ouvinte, durante toda a situação experimental.

O esquema utilizado foi o seguinte: (i) 1ª parte: a tira da história em quadrinho é apresentada e o experimentador inicia uma conversa sobre o personagem principal da história. Esta conversa é seguida de uma pergunta que visa a reforçar o elemento temático em torno do qual o diálogo será construído; (ii) 2ª parte: específica de cada situação experimental, consiste de um segmento de discurso especificamente controlado (i.e. quanto ao número de orações, tipos de construções sintáticas, etc.), através do qual o experimentador prossegue a conversa e que visa a introduzir um elemento - personagem - a

ser tomado pelo ouvinte como *foco do segmento discursivo*<sup>2</sup> em questão. Segue-se a este segmento de discurso uma pergunta crítica contendo o pronome cuja interpretação será investigada.

Para o controle deste segmento de discurso – que se mantém invariável para todos os sujeitos do experimento – foram observados os seguintes procedimentos: quanto ao desenvolvimento temático, o segmento em questão inicia-se com a introdução de um personagem a ser caracterizado como *foco do segmento*. Este personagem pode ser o elemento temático, já introduzido, ou outro personagem. A manipulação do foco do segmento cria, assim, duas condições experimentais: Condição 1 (C1), na qual o Foco do Segmento é igual ao elemento temático; e Condição 2 (C2), na qual o Foco do Segmento é diferente do elemento temático.

A realização lingüística deste segmento do discurso também é controlada: tem-se uma oração introduzida por uma FN (Frase Nominal) definida, com três orações subseqüentes iniciadas por  $\emptyset$  (que aqui pareceu ser a forma mais adequada para a manutenção do referente introduzida pela FN), sendo que a última oração contém uma oração reduzida de gerúndio e a presença de um personagem diferente do Foco do Segmento, e que vem a ser o referente possível para o pronome mais recentemente apresentado antes da pergunta crítica, em que se tem a forma anafórica a ser interpretada.

Como exemplo deste segundo segmento, temos:

*Nesta história, Hägar[foco do segmento] aparece preso, com uma bola de ferro na perna.  $\emptyset$  Está sentado numa cela sombria e suja.  $\emptyset$  Tem aparência de cansaço e irritação.  $\emptyset$  Está muito aborrecido, reclamando da vida com outro prisioneiro.*

Como conclusão deste turno (conduzido pelo experimentador), segue-se a pergunta crítica, o quanto possível semântica e pragmaticamente neutra, contendo um pronome potencialmente ambíguo, tal como: *Você acha que **ele** reflete sobre isso?*. A resposta do interlocutor (sujeito do experimento) evidenciaria o antecedente atribuído ao pronome.

Resumindo-se, tem-se como variável independente, nos três experimentos a serem relatados a seguir, a relação entre o Fseg (Foco do Segmento) e o ET (elemento temático), com dois níveis de realização: (i) Fseg = ET; (ii) Fseg  $\neq$  ET. A variável dependente é a

---

<sup>2</sup> O termo *foco do segmento* é definido em termos do segundo nível operativo da memória de processamento, no qual se dariam as representações do foco em torno do qual o segmento discursivo se organiza.

resposta do ouvinte a partir da interpretação dada à forma anafórica. Assume-se que esta escolha será função do grau de acessibilidade do referente em questão na memória de processamento do ouvinte.

### **3. Experimentos**

#### **Introdução**

Os experimentos que se seguem visam a prover condições para que se avalie o tipo de representação acessado preferencialmente, quando da identificação de um pronome que, em princípio, teria mais de um antecedente possível para sua interpretação. Trabalha-se, portanto, com a noção de que o pronome seria interpretado pela representação mais acessível no modelo mental do ouvinte.

Parte-se do pressuposto de que, nas relações anafóricas, a representação do referente pretendido está particularmente ativada na memória de processamento, tanto para o falante como para o ouvinte, o que se configura como um tipo de restrição de ordem processual ao estabelecimento da referência anafórica. Contudo, as representações mantidas na memória de processamento do falante/ouvinte podem ter diferentes graus de ativação, tornando um particular referente mais ou menos acessível à referência pronominal. Considera-se, portanto, que a representação dos referentes para o pronome possui o grau de acessibilidade sujeito a restrições de ordem processual. É necessário que sejam obtidos dados suficientes que possibilitem determinar que representações se fazem mais acessíveis quando da interpretação de um pronome com mais de um possível antecedente ativado na memória de processamento. Foram elaboradas situações nas quais pudessem ser identificados diferentes graus de acessibilidade aos referentes possíveis para o pronome: o referente sendo o elemento temático e também o foco do segmento; ou sendo apenas o foco do segmento discursivo. Buscou-se, basicamente, observar se: *a)* o pronome é interpretado como referente ao FSeg em C1 e C2; ou *b)* o pronome é interpretado como referente ao FSeg apenas na C1, quando o FSeg é igual ao ET.

Caso *a* se verifique, temos que a representação no *segundo nível da memória de processamento* (níveis de memória adotados *in* Corrêa, 1993; 1995) é mais acessível, independentemente do personagem (elemento) temático. Se o pronome é igual ao FSeg

apenas na C1, aparentemente o pronome acessa a representação ativada no terceiro nível da memória, ou o nível temático.

Cabe observar aqui o fato de que em todas as condições o personagem diferente do foco do segmento é apresentado como o SN (Sintagma Nominal) mais recente. Deste modo, se a recentidade determinasse a escolha na condição A, o antecedente seria diferente tanto do elemento temático quanto do foco do segmento e na condição B, seria o elemento temático.

A situação dialógica para os experimentos foi estabelecida em função de suas características interativas, em que falantes e ouvintes constroem juntos a coesão discursiva, o que, em princípio, leva a crer que compartilham do mesmo modelo mental do discurso em processamento. Assim sendo, considera-se que o modo como o falante seleciona um termo anafórico na produção pode corresponder ao modo como o ouvinte interpreta este termo.

### **3.1. EXPERIMENTO 1**

#### **Design**

Para o primeiro experimento foram elaboradas duas condições experimentais, em função da variável independente, ‘função da relação entre o foco do segmento (FSeg) do discurso e o elemento temático (ET)’. Assim, tem-se duas condições experimentais: FSeg=ET; FSeg≠ET. O elemento temático do experimento 1, isto é, o elemento em torno do qual todo o diálogo se organiza, é o personagem de histórias em quadrinho ‘Cebolinha’, e o foco em torno do qual o segundo episódio ou segmento se organiza ora é Cebolinha (FSeg=ET), ora é o personagem Cascão, também personagem de histórias em quadrinho (Fseg≠ET). Há ainda a figura do personagem mais recente no diálogo (ora Cebolinha ora Cascão), antes que se introduza a pergunta crítica contendo o termo anafórico a ser interpretado.

Ambos os personagens, pelo menos aparentemente, são de igual maneira familiares para os sujeitos do experimento – adultos com acesso à informação escrita tais como tiras de jornal e revistas em quadrinho, na cidade do Rio de Janeiro. Levou-se em consideração esse aspecto a fim de que o ouvinte não fosse previamente direcionado, pelo fato de um

personagem ser mais ou menos conhecido, na escolha do referente mais adequado para o pronome. A diferença – o que fará com que um personagem seja o referente para o pronome – deve ser, aqui, o lugar que este ocupa na organização mental do discurso.

As condições – C1: FSeg=ET; C2: FSeg≠ET – foram subdivididas em duas situações que, por sua vez, possuem duas partes. Na primeira parte, Cebolinha é identificado como o personagem principal, em torno do qual todo o diálogo (a entrevista) se organiza. Esta parte é seguida por uma pergunta genérica sobre o personagem principal, do tipo: ‘você acha adequado dar histórias como as do Cebolinha para crianças?’. Esta questão ocupa o espaço compreendido entre a primeira parte (geral) e o segundo segmento (específico da história que o sujeito acaba de ler) e familiariza o sujeito do experimento com o tipo de perguntas que será feito nas condições experimentais para o procedimento.

No segundo segmento encontram-se as condições a serem testadas. Sua elaboração requereu maior controle da estrutura, combinação e número de palavras de cada oração e também do número de orações. A primeira oração inicia-se por uma forma nominal (FN) que será o foco do segmento, sendo preenchido na C1 por Cebolinha e na C2 por Cascão. Por exemplo: ‘Cebolinha, nesta história, faz o tipo forte e decidido’. Seguem-se mais três orações iniciadas por  $\emptyset$ , que pareceu ser a forma anafórica adequada para a manutenção da referência introduzida pela FN ‘Cebolinha/Cascão’. No final da última oração, encontra-se o personagem mais recente, antes da pergunta com o termo pronominal a ser interpretado. Este personagem será sempre diferente do personagem Fseg. Assim, por exemplo, na C1, onde o Fseg é Cebolinha, o último personagem pronunciado pelo entrevistador é Cascão e, deste modo, além do ET e do Fseg, o pronome pode referir-se também ao Cascão, criando oportunidade de se observar até que ponto a recentidade do antecedente neste contexto é relevante, comparando-a à representação do ET e do Fseg. O uso do pronome em orações subordinadas, como visto em estudo anteriormente citado (Corrêa, 1993), foi entendido como remetendo ao foco do segmento discursivo

A pergunta crítica, com o termo anafórico em questão, inicia-se invariavelmente por: ‘você acha que *ele*...’. Através da resposta do entrevistado, pretendeu-se obter uma perspectiva de como se daria o processo de reconhecimento do antecedente para o pronome, isto é, quais as condições (ou condição) favoráveis para que um referente seja interpretado como o menos ambíguo, uma vez que existe uma ambigüidade real.

Se o pronome é interpretado como o Fseg em qualquer uma das condições, temos que a representação no segundo nível, ou nível episódico, da memória de processamento é o mais ativado. Se, porém, o Fseg for o referente para o pronome apenas quando é o personagem-ET, tal resultado permite que se suponha que o maior grau de acessibilidade se dá em relação ao referente que encontra-se no nível temático da memória.

## **Apresentação**

## **Método**

### **Sujeitos**

Fixou-se um número de 20 sujeitos adultos com nível superior de instrução. Procurou-se manter um equilíbrio na quantidade de participantes homens e mulheres.

### **Procedimentos**

Cada sujeito foi convidado a participar de um experimento em que deveria responder a algumas questões referentes à compreensão de uma história em quadrinhos. Foi dito a cada sujeito tratar-se de uma pesquisa para dissertação de mestrado em Letras. Pediu-se para que se falasse apenas após cada pergunta e que se respondesse o mais espontaneamente possível.

O experimento tendo sido introduzido, apresentou-se a cada sujeito a segunda parte ou segundo segmento. As conversas foram gravadas, com a devida autorização dos participantes. Mediu-se o tempo médio existente entre o fim da pergunta crítica e o início da resposta de cada sujeito, a fim de se verificar o tempo de processamento gasto para a C1 e a C2. A mensuração do tempo, entretanto, foi precária, com auxílio de um cronômetro, sem um instrumento mais preciso para a tarefa. Durante as gravações evitou-se a presença de outras pessoas ou de situações que pudessem comprometer a compreensão pelos sujeitos.

### **3.1.1. Resultados**

A variável dependente (resposta mensurada) foram as respostas em que o referente do pronome coincide com o FSeg.

A Tabela 1 apresenta a percentagem de respostas dadas para o elemento temático e para o foco do segmento em cada condição e no total.

**Tabela 1**

Percentagem de respostas dadas para os personagens da história: ET e FSeg		
	Ref.1 Cebolinha	Ref. 2 Casção
C1	ET/FSeg 100%	(+rec) 0
C2	ET(+rec) 15%	Fseg 87,5%

Através da distribuição da Tabela 1, é possível observar que o pronome é identificado, preponderantemente, como o Foco do Segmento em ambas as condições, permitindo que se cogite estar mais acessível para o ouvinte a representação, na memória de processamento, do elemento em torno do qual se organiza o segmento discursivo recém-processado. Através do resultado *Teste t*, abaixo, verificou-se que a diferença entre as médias de respostas tendo como referente para o pronome o foco do segmento por condição (ver Tabela 2) não foi significativa ( $t=2,5$  19df  $p>5$ )

**Tabela 2**

Média de respostas relativas ao Fseg: N=20/Escore máximo=2	
Condição1	Condição 2
FSeg=ET 2,0	FSeg≠ET 1,75

A diferença entre as médias foi analisada através do Teste t de Student. O resultado ( $T=2,5$  19df  $p>0,5$ ) (*one tailed*) sugere que não há diferença significativa entre o número de respostas correspondentes ao FSeg em ambas as condições, isto é, o Fseg é o antecedente para o pronome, tanto quando é igual como quando é diferente do ET, embora a C1 (FSeg=ET) tenha sido a condição ótima de interpretação do pronome, na qual a ambigüidade, pelo menos aparentemente, é minimizada. Cabe considerar ainda a não

relevância do elemento mais recente, que, embora sendo o termo imediatamente anterior à pergunta crítica contendo o pronome, não é identificado como seu referente.

Os resultados do Experimento 1, portanto, remetem à idéia de que o termo em torno do qual o segmento do discurso se organiza (Cascão/Cebolinha) tem sua representação recuperada quando da interpretação do pronome ambíguo.

Aplicado o teste T de Student para a diferença das médias de tempo compreendido entre o fim da pergunta crítica e a resposta dos sujeitos, constatou-se não haver diferença significativa entre as duas condições. Mantém-se a ressalva anterior quanto à precariedade da medida.

### **3.1.2. Discussão**

Os resultados revelam que o Fseg é acessível quando da interpretação do pronome ambíguo em ambas as condições, o que, de acordo com os pressupostos teóricos admitidos para este estudo, significa maior acessibilidade à representação, na memória, do elemento em torno do qual o segmento discursivo anterior à pergunta crítica se organiza. Assim sendo, pode-se entender que a representação do referente no segundo nível da memória está particularmente ativada quando da interpretação do pronome ambíguo em uma situação experimental ótima, na qual são estabelecidos três elementos referentes aos três níveis da memória como assumidos para esta pesquisa.

De acordo com os dados obtidos por Corrêa (1993, 1995), na produção da linguagem, o falante usa o pronome quando pretende recuperar o FSeg discursivo. Assumindo-se um modelo de memória semelhante a falantes e ouvintes, pode-se supor que o ouvinte acessaria a representação do referente FSeg discursivo quando da interpretação do pronome.

As situações apresentadas aos ouvintes são artificiais, o que, propositadamente, elimina pistas semânticas/pragmáticas, normalmente presentes em conversações. No entanto, o próprio fato de se deparar com essa dificuldade requer do sujeito uma dependência ao modo de operação da memória no processamento do discurso, que baseia-se na relevância atribuída aos referentes, tanto pelo ouvinte, sujeito do experimento, quanto ao que este julga ser verdadeiro para o falante, de modo a que se obtenha um diálogo coeso para ambos.

Partindo-se do fato de que o pronome é selecionado quando o falante (que também é ouvinte) quer recuperar o foco do episódio do discurso, mesmo que não seja em situação de ambigüidade, imagina-se se o ouvinte, diante de três possibilidades – o elemento temático, o foco do segmento discursivo em processamento, e o elemento mais recente – interpretaria o pronome como o foco do segmento. Se os resultados revelam grande probabilidade de referência ao FSeg, independentemente de sua condição, acredita-se que a explicação mais plausível para o conjunto de dados é que, para o ouvinte, o elemento mais acessível quando da interpretação do pronome é o foco do segmento discursivo. Assim, assumindo-se que a organização do discurso determina o grau de acesso dos referentes possíveis para o pronome, o Fseg que precede a pergunta crítica é a representação mais acessível.

Para que se pudessem incluir fatores relativos ao conhecimento prévio dos sujeitos a um determinado personagem, no universo a que pertence, e deste modo tornar o diálogo mais próximo de uma conversação real, foram elaborados os experimentos 2 e 3. Nestes experimentos foram criadas condições que pudessem alterar o grau de acessibilidade exclusivamente determinado pelo modo de organização do discurso, inserindo uma supremacia de um referente em relação ao outro possível referente no contexto da história em quadrinho e no contexto mais amplo no qual a história se coloca.

## **3.2. EXPERIMENTO 2**

### **Design**

O segundo experimento foi elaborado seguindo-se as mesmas características do Experimento 1. No entanto, difere deste quanto aos personagens envolvidos. Enquanto no primeiro experimento ambos os personagens eram igualmente conhecidos pelos sujeitos, no experimento 2 apresenta-se um personagem conhecido e outro secundário, não nomeado, específico da tira em questão. O ET, neste experimento, é o personagem de histórias em quadrinho Hägar, e o foco em torno do qual o segundo segmento se desenvolve ora é Hägar (FSeg=ET) ora é o outro personagem, ‘o prisioneiro’ (FSeg≠ET), respectivamente, C1 e C2. Estas condições subdividem-se em duas situações (A e B), perfazendo um total de quatro situações apresentadas aos sujeitos do experimento.

O segundo segmento inicia-se com uma forma nominal definida, que será o foco do segmento, ora Hågar, ora o prisioneiro. Enfatiza-se o fato de este segmento tratar da história que o sujeito acaba de ler. Seguem-se três orações iniciadas por Ø, sendo que a última possui uma oração reduzida de gerúndio, como: ‘...Ø Diz que é preciso ser duro, dirigindo-se a seu companheiro de cela.’ Finalmente, Hågar ou o prisioneiro (desde que diferente do Fseg) são colocados no final da oração, sendo, deste modo, o personagem mais recente antes da pergunta crítica.

A variável independente é a relação entre o Fseg e o ET e a variável dependente é o referente atribuído pelo ouvinte (sujeito do experimento) ao pronome da pergunta crítica.

Se o pronome refere-se ao Fseg apenas quando é igual ao ET, então este último é o referente mais acessível na memória e, aparentemente, possui características que atuam na representação do Fseg. Se, por outro lado, o pronome refere-se ao ET, independentemente de ser igual ou diferente do Fseg, e confirma-se o resultado obtido no Experimento 1, ou seja, de que o Fseg está mais acessível na representação mental, minimizando a ambigüidade real do pronome.

## **Apresentação**

### **Método**

#### **Sujeitos**

Foram entrevistados 20 sujeitos adultos, falantes de língua portuguesa, com nível superior de instrução, diferentes dos participantes do Experimento 1.

#### **Procedimentos**

Foram escolhidos sujeitos diferentes dos que participaram do primeiro experimento e a eles foi dito tratar-se de uma pesquisa, sem, contudo, ser revelado o verdadeiro objetivo. Foram seguidos os mesmos passos, isto é, a leitura da história, uma introdução, a segunda parte ou segundo segmento e a pergunta crítica.

As situações foram apresentadas em ordem invertida, a fim de se evitar algum tipo de interferência que pudesse surgir com a posição da frase ou da situação.

### 3.2.1. Resultados

A Tabela 3 apresenta a porcentagem de respostas dadas para o ET e para o FSeg em cada condição.

**Tabela 3**

---

**Porcentagem de respostas dadas para os personagens da história: ET e o Fseg**

---

	<b>Ref.1 Hägar</b>	<b>Ref.2 prisioneiro</b>
<b>C1</b>	ET=Fseg 100 %	(+rec) 0
<b>C2</b>	ET(+rec) 65%	Fseg 35%

---

A idéia subjacente ao segundo experimento, ou seja, o fato de Hägar ser o protagonista e conhecido dos ouvintes (em contraste com o outro personagem, que é anônimo), faria com que sua representação tivesse um maior grau de acessibilidade relativo ao outro personagem (maior do que o personagem Cebolinha em relação a Cascão, no primeiro experimento). Sendo assim, a porcentagem das respostas relativas ao elemento temático demonstra que este tornou-se mais acessível para o ouvinte do que o ET (Cebolinha) do Experimento 1. A condição ótima para a interpretação do pronome, assim como observado no primeiro experimento, é aquela em que o ET e o FSeg coincidem.

A diferença entre as médias foi analisada através do Teste t de Student. O resultado ( $T=3,91$  19df  $p<001$ ) da diferença entre as condições (ver Tabela 4 abaixo) foi significativo, sugerindo menor probabilidade de o pronome ser entendido como Fseg quando é diferente do ET, o que implica, possivelmente, no aumento da acessibilidade do elemento temático, devido a circunstâncias fora do âmbito do discurso, ou seja, a importância dada, no âmbito do ‘conhecimento de mundo’ dos ouvintes, ao referente elemento temático da história.

**Tabela 4**

Média de respostas relativas ao Fseg: N=20/ Escore Máx.=2	
C1	C2
FSeg=ET 2,0	FSeg≠ET 1,3

Aplicado o Teste T de Student para a diferença das médias de tempo compreendido entre o fim da pergunta crítica e a resposta dos sujeitos, constatou-se, assim como no Experimento 1, não haver diferença significativa.

### **3.2.2. Discussão**

Os resultados do Experimento 2 colocam um novo ângulo no que se observou no primeiro experimento. A diferença entre as médias pode ser considerada significativa e reflete maior ambigüidade do pronome quando o antecedente é o FSeg diferente do ET. A acessibilidade ao Fseg estaria, pelo menos em princípio, subordinada à representação do ET.

Aparentemente, esse resultado remete à idéia de que o personagem ‘o prisioneiro’, por ser de conhecimento dos sujeitos apenas na história que acabam de ler, não tendo qualquer participação anterior e, portanto, tendo sua imagem dependente da imagem de Hågar, faz com que uma referência ao prisioneiro evoque a representação de Hågar, resultando, portanto, em menor média de respostas interpretando o pronome como Fseg diferente do ET.

## **3.3. EXPERIMENTO 3**

### **Design**

O terceiro experimento possui a mesma estrutura dos dois experimentos anteriores, mas o FSeg, desta vez, foi escolhido atentando-se para que fosse um personagem dependente do elemento em torno do qual se desenvolve o diálogo, não apenas na história em questão como também de um modo geral, o que deixa o ET como figura de ‘background’ sempre que a referência fosse feita ao outro personagem. Os personagens são Calvin e seu pai.

O ET é Calvin e o foco em torno do qual o segundo segmento se organiza ora é Calvin (FSeg=ET), ora é o pai (FSeg≠ET), C1 e C2, respectivamente. A estrutura criada para cada situação (ver Quadro 3), assim como nos experimentos anteriores, possui uma parte onde o ET é introduzido, seguida de uma pergunta sobre algum aspecto geral do personagem principal. O segundo segmento inicia-se com uma forma nominal definida – ora Calvin (C1), ora o pai (C2). Por exemplo: ‘Calvin, nesta história, quer descobrir as razões da falta de cores das fotos antigas’ ou ‘o pai, nesta história, fala com grande desenvoltura’. Seguem-se mais três orações iniciadas por Ø, tendo a última delas uma oração subordinada reduzida de gerúndio.

A variável independente é a relação entre Fseg (Calvin/o pai) e o ET (Calvin). A variável dependente é o referente (Calvin ou o pai) atribuído ao pronome da pergunta crítica correspondente ao FSeg. Por exemplo: ‘Você acha que *ele* reflete sobre isso?’

## **Apresentação**

### **Método**

O método a partir do qual o Experimento 3 foi elaborado é o mesmo dos experimentos anteriores.

### **Sujeitos**

Fixou-se um número de 20 sujeitos adultos, com nível superior de instrução, diferentes dos demais sujeitos. Procurou-se manter um equilíbrio na quantidade de homens e mulheres.

### **Procedimentos**

Foram seguidos os mesmos procedimentos dos demais experimentos. As situações foram apresentadas com ordem invertida, por exemplo, para o sujeito 1: C1A, C1B, C2A, C2B, para o sujeito 2: C1A, C2A, C1B, C2B, e assim por diante.

#### **3.3.1 Resultados**

A Tabela 5 apresenta a porcentagem de respostas dadas para o ET e o FSeg em cada condição.

**Tabela 5**

Percentagem de respostas dadas para os personagens da história: ET e Fseg		
	Ref. 1 Calvin	Ref. 2 Seu pai
C1	ET=Fseg 95%	(+rec) 5%
C2	ET(+rec) 45%	Fseg 35%

Através dos resultados observados na tabela acima, pode-se verificar que há um considerável aumento na percentagem de respostas relativas ao ET e diminuição da percentagem de respostas relativas ao FSeg quando este difere do ET. Cumpre ressaltar que na C2 os resultados não somam 100%, pois foram anuladas respostas nas quais o sujeito externava dúvida quanto ao que o experimentador gostaria de saber. A razão provável para a obtenção deste conjunto de dados parece ser o fato de um personagem (o pai) ter sua figura recuperando o ET (Calvin), mantendo-o permanentemente ativado, mesmo quando o foco do segmento não recaia sobre ele. Na Tabela 6 abaixo encontra-se a diferença encontrada entre as médias, através do Teste t de student.

**Tabela 6**

Média das respostas relativas ao FSeg:N=20/ Escore Máximo=2	
C1	C2
FSeg=ET 1,9	FSeg≠ET 0,8

O resultado do Teste t ( $T=5,4$  19df  $p<001$ ) *one tailed* foi significativo.

Aplicado o Teste T para a diferença das médias de tempo compreendido entre o fim da pergunta crítica e a resposta dos sujeitos, constatou-se, no entanto, não haver diferença significativa, como se havia observado anteriormente nos Experimentos 1 e 2.

### 3.3.2. Discussão

Pode-se perceber, com base nos resultados apresentados acima, que a diferença entre as médias sendo maior que aquela dos demais experimentos, o referente cuja

representação é mais acessível na memória não é o Fseg, neste experimento, quando diferente do elemento temático. Na C2 o pronome é interpretado em 1,2 das respostas como o ET e em apenas 0,8 como o Fseg. A condição ótima para a interpretação do pronome seria, portanto, FSeg=ET.

Este resultado é interessante, se comparado aos resultados dos experimentos anteriores, uma vez que as condições discursivas são elaboradas e testadas da mesma maneira, ou seja, tem-se a mesma distribuição dos antecedentes e do pronome no discurso. Pode-se perceber, no entanto, que a relação existente entre os próprios personagens e os aspectos extra-discursivos afetam a compreensão do pronome pelo sujeito. O personagem Calvin é o elemento principal em todas as tirinhas, tendo os outros personagens um papel secundário. Os outros personagens, inclusive seu pai, existem por causa de Calvin. Assim, quando o leitor fala do pai de Calvin, a figura do garotinho estará sempre em uma situação de *background*, favorecendo sua maior acessibilidade e interferindo na referência à representação da figura do pai.

O resultado, portanto, necessita uma análise que contenha aspectos de conhecimento prévio, que atuariam no processamento do discurso, diferentes das categorias de ET e FSeg. O conhecimento de mundo do ouvinte, se acrescido de algo diferente do conhecimento do falante, proporcionaria diferença de interpretações. A organização e o modo de processamento do discurso, portanto, parecem ser restrições necessárias à interpretação de um dado termo anafórico, e a interferência de informação extra-discursiva torna-se maior devido à situação experimental na qual três referentes sintática e pragmaticamente possíveis para o pronome possuem sua representação ativada na memória de processamento.

Cabe ressaltar a existência de uma condição ótima de interpretação do pronome, que, como visto, é aquela em que elemento temático e foco do segmento coincidem, o que revela o maior grau de ativação da representação no segundo ou terceiro nível da memória de processamento e, deste modo, corrobora com a idéia inicial para este trabalho, segundo a qual o ouvinte constrói para si um modelo de discurso no qual o referente pretendido pelo falante deve estar particularmente ativado, minimizando a ambigüidade pelas condições de acessibilidade à representação do referente.

### 3.4. Discussão Geral

Observa-se, de modo geral, que os resultados obtidos nos experimentos narrados anteriormente estão de acordo com os pressupostos teóricos aqui estabelecidos, em especial a noção de *acessibilidade* ( cf. Ariel, 1994; Corrêa, 1993,1995; Greene et al., 1992) à representação do referente para um termo anafórico na memória de processamento. Como observado, a organização dos possíveis referentes para o pronome no discurso e o grau de acessibilidade de sua representação na memória do ouvinte possivelmente restringem a interpretação do termo pronominal, tornando este processo simples e automático, ou quase automático, tanto para o falante como para o ouvinte, nas situações ótimas de processamento (quando as representações ativadas no nível temático e episódico coincidem). A interpretação de um termo pronominal, pelo menos em princípio, está condicionada a restrições do modo de processamento do discurso.

Variáveis que atuam na importância relativa dos referentes em questão (seja no discurso em processo seja no modo como são representados enquanto ‘conhecimento de mundo’ do ouvinte) parecem atuar de forma a alterar os graus de acessibilidade definidos em termos das representações ‘em foco’ dado na partícula modo de organização do discurso.

O ouvinte constrói, aparentemente, uma representação tematicamente estruturada dos enunciados, processados a partir de sua habilidade de monitorar o processamento do discurso, de modo a coordenar os diferentes níveis de ativação da representação da memória de processamento atuantes nesta situação. No entanto, o modo de organização do discurso não parece estabelecer completamente a interpretação da forma anafórica quando outro fator interfere no processo. Além da relação entre os personagens no discurso, parece ser necessário levar em consideração conhecimento prévio e a própria relação entre os personagens do discurso agindo na interpretação do pronome, deixando determinado elemento em constante *background* e, portanto, mais acessível para o ouvinte.

A acessibilidade ao elemento em torno do qual o episódio em processamento se organiza, no primeiro experimento, estabelece-se em ambas as condições, ou seja, tanto quando o FSeg é igual como quando é diferente do elemento temático. O fato de esse resultado não ser o mesmo nos experimentos subseqüentes, seria decorrente da interferência

da interação de fatores temáticos com o conhecimento prévio dos sujeitos e a relação entre os personagens adotados como foco do segmento e elemento temático. A informação que se possuía, anteriormente, sobre os referentes potenciais, portanto, interferiu no grau de acessibilidade a sua representação na memória de processamento. Assim sendo, a representação dos possíveis referentes na memória na interpretação do pronome teria seu grau de ativação caracterizado por, neste caso, três fatores: função do personagem na organização do discurso; conhecimento prévio do personagem (ou importância relativa do personagem na história); presença da representação de *background* (relação entre os personagens). Esses fatores em conjunto seriam, portanto, determinantes da acessibilidade à representação do referente na memória de processamento.

Cabe enfatizar a condição ótima de interpretação do pronome, ou seja, aquela em que o mesmo personagem ocupa o espaço de elemento temático e foco do segmento. Neste caso, como observado anteriormente, obteve-se 100% de respostas para a interpretação do pronome. Paralelamente, é interessante ressaltar a ambigüidade gerada no Experimento 3, no qual Calvin fica como representação ativada no *background*, estabelecendo dúvida por parte dos sujeitos, o que levou a resultados diversos dos demais experimentos.

Quanto à recentidade do personagem na fala imediatamente anterior à pergunta crítica, parece ser interferência irrelevante no processo de interpretação do pronome no contexto discursivo considerado, uma vez que quando o foco do segmento é igual ao elemento temático, condição ótima para o ouvinte, o personagem mais recente difere do elemento temático e, conseqüentemente do foco do segmento.

É interessante notar também até que ponto o ouvinte preocupa-se com o falante, quando trata-se de uma interação dialógica. Nos experimentos narrados por Kennedy et al. (1988), nos quais os sujeitos eram levados a acreditar que conversavam ora com pessoas, ora com máquinas, observou-se uma diferença significativa no comportamento quando pensava-se estar conversando com um computador e não com um ser humano. Nos experimentos do presente estudo, talvez seja possível estabelecer uma analogia com os dados de Kennedy et al., no sentido de que, na organização do discurso, a seleção do pronome revelaria o grau de preocupação do falante com o ouvinte, pelo fato de o diálogo necessitar de um monitoramento mútuo da continuidade do tópico por parte de seus interlocutores e de uma coesão macroestrutural. Esta preocupação estaria presente no fato

de, para o ouvinte, a situação sem conflitos de interpretação ser quando elemento temático e foco do segmento coincidem.

O grau de preocupação por parte do falante permitiria que se considerasse o aspecto das auto-correções. Essas parecem ser uma demonstração do fato de o falante ser cuidadoso com sua fala e com a conseqüente compreensão por parte do ouvinte.

## **Conclusão**

O interesse pelo estudo do pronome de 3ª pessoa no âmbito do processamento da linguagem, de acordo com Corrêa (1993), deve-se ao fato de sua interpretação não estar sujeita a restrições de ordem gramatical. Isto fez com que se observassem possíveis restrições do modo de processamento do discurso, especialmente no que se refere à noção de acessibilidade à representação de um referente para um dado termo anafórico na memória de processamento, cujo modelo (Corrêa, *ibidem*) foi sugerido neste trabalho.

Estudos sobre a seleção do pronome na produção de narrativas levaram a que se pesquisasse até que ponto a acessibilidade à representação mental de um antecedente, na compreensão, estaria sujeita às mesmas restrições processuais observadas na produção de narrativas orais, identificando se as condições mais favoráveis de acesso à representação do referente pelo ouvinte eram as mesmas de seleção do termo anafórico, de modo a permitir que o ouvinte interpretasse o termo anafórico assim como o falante o pretendeu.

Os resultados obtidos permitem algumas considerações:

A compreensão do pronome-sujeito ambíguo estaria condicionada ao processo de acesso à representação dos referentes possíveis na memória de processamento. Esse processo seria, pois, até certo ponto automático, e não puramente estratégico. O fato de haver dois antecedentes possíveis (do ponto de vista sintático e semântico) para o pronome, cada um com um status discursivo particular (*ET*, *Fseg* ou *+rec*) torna possível sugerir que o elemento recorrente na interpretação do pronome é aquele mais acessível na memória do ouvinte numa dada situação de discurso.

Não se observou, porém, o mesmo grau de atuação desses aspectos nos três experimentos, ou seja, no primeiro experimento houve nítida preferência pelo foco do segmento na interpretação do pronome em ambas as condições, o que permite supor o

aspecto determinante das restrições processuais no estabelecimento do grau de acessibilidade à representação dos possíveis referentes na memória de processamento; no segundo experimento, pode-se notar certa influência de fatores de ordem temática e de conhecimento prévio dos sujeitos com relação aos personagens, ou seja, um personagem, por ser conhecido, sobrepõe-se ao outro, desconhecido; enfim, no Experimento 3, a ambigüidade é acentuada, devido ao conhecimento prévio e da própria relação entre os personagens, estando um deles em *background* durante o processamento de ambas as condições.

Deste modo, nas situações experimentais apresentadas nessa pesquisa, é possível entender o processo de minimização da ambigüidade, no estabelecimento do grau de acessibilidade à representação dos referentes na interpretação do pronome, como sujeito à função dos personagens na organização do discurso (ET e FSeg), à presença da representação de *background*, e ao conhecimento prévio dos participantes dos diálogos.

### **Referências Bibliográficas**

1. ANDERSON, A. & Boyle, G.A. (1994). Forms of Introduction in Dialogues: Their discourse contexts and communicative consequences. *Language and Cognitive Process*, 9(01), 101-122.
2. ARIEL, M. (1994). Interpreting anaphoric expressions: a cognitive versus a pragmatic approach. *Linguistics*, 30, 3-42.
3. BENVENISTE, É. (1976). *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo/Ed. Nacional.
4. CARAMAZZA, A., Grober, E., Garvey, C. & Yates, J. (1977). Comprehension of anaphoric pronouns. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 16, 601-9.
5. CARAMAZZA, A. & GUPTA, S. (1979). The role of topicalization, parallel function and verb semantics in the interpretation of pronouns. *Linguistics*, 17, 497-518.
6. CASTILHO, A. T. (1994). *Problemas de descrição da língua falada*. D.E.L.T.A. vol.10 n. 1, 75-95.

7. CLARK H.H. & Wilkes-Gibbs (1987). Referring as a collaborative process. *Cognition*, 22, Elsevier Sequoia.
8. CORRÊA, L. M. S. (1993). Restrições ao pronome livre na linearização do discurso. *Palavra* 1, 75-05.
9. \_\_\_\_ (no prelo) Dificuldades e potencialidades do uso do método experimental no estudo da aquisição da linguagem. In : M.F. DE CASTRO (org.). *O método e o dado no estudo da aquisição da linguagem*. Campinas: Ed. da Unicamp.
10. \_\_\_\_ (1995). The relative difficulty of children's comprehension of relative clauses: a procedural account. In : K. NELSON (ed.) *Children's language*, v. 8., Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.
11. COUTHARD, M. (1985). An Introduction to discourse analysis. *Applied Linguistics and language study*. Longman.
12. FLORES D'ARCAIS, G.B. & SCHREUDER, R. (1983). The process of language understanding: a few issues in contemporary psycholinguistics. In : FLORES D'ARCAIS,
13. FOX, B. (1987). *Discourse structure and anaphora. Written and conversational English*. Cambridge Studies in Linguistics. C.U.P.
14. GARDNER, H. (1985). *The mind's new science. A history of the cognition revolution*. New York: Basic Books.
15. GARHAM, A. (1987). Understanding Anaphora. In : A.W.ELLIS (org.). *Progress in the Psychology of Language*, vol. 3, Hillsdale, N.J.: L. Elrbaum.
16. GARHAM, A. & OAKHILL, J. (1992). Discourse processing and text representation from a 'Mental Models' perspective. *Language and Cognitive Process*, 7(3/4), 193-204.
17. GARHAM, A., OAKHILL, J., & CRUTTENDEN, H. (1992). The role of implicit causality and gender cue in the interpretation of pronouns. *Language and Cognitive Process*, 7(3/4) 231-255.
18. GARROD, S. et al. (1994). The Role of Different Types of Anaphor in the on-line resolution of sentences in a discourse. *Journal of Linguistics*, 33, 39-68;
19. GREENE, S B.& MCKOON, G. and RATCLIFF, R. (1992). Pronoun Resolution and Discourse Models. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, vol. 18, n. 2, 266-283.

20. GREENE, J. & D'OLIVEIRA, M. (1978). *Methodology handbook* (part 1) – Nonparametric designs and tests. The Open University.
21. \_\_\_\_ *Methodology handbook* (part 2) - Parametric designs and tests. Ibidem.
22. GROZ, B.J. (1977). The representation and use of focus in a system for understanding dialogs. *Anais da International Joint Conference on Artificial Intelligence*, 61-76.
23. JACKENDOFF, R. (1972). *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge Mass: MIT Press.
24. JOHNSON-LAIRD, P.N. (1983). *Mental Models*. Cambridge: Cambridge University Press.
25. KARMILOFF-SMITH, A. (1979). *A functional approach to child language*. Cambridge: Cambridge University Press.
26. KENNEDY, A., WILKES, A., ELDER, L. & MURRAY, W.S. (1988). Dialogues with machines. *Cognition*, 30, 37-72. Elsevier, Dordrecht.
27. KUNO, S. (1987). *Functional Syntax: Anaphora, Discourse and Empath*. The University of Chicago Press.
28. LAKOFF, G. (1968). *Pronouns and Reference*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club.
29. LOBATO, L. M. P. (1986). *Sintaxe Gerativa do Português. Da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação*. Belo Horizonte: Vigília.
30. OAKHILL, J., GARHAM, A., GERNSBACHER, M.A., CAIN, K. (1992). How natural are conceptual anaphors? *Language and Cognitive Process*, 7(3/4), 257-280).
31. STEVENSON, R.J. CRAWLEY, R. and KLEINMAN, D. (1994). Thematic Roles, Focus and the Representation of Events. *Language and Cognitive Process*, 9 (4), 519-548.
32. TYLER, L.K. & MARSLER-WILSON, W. (1976). Some Developmental Aspects of Sentence Processing and Memory. *Journal of Child language*, 5, 113-129.
33. VAN DIJK, T.A. & KINTSCH, M. (1983). *Strategies of Discourse Comprehension*. New York: Academic Press.